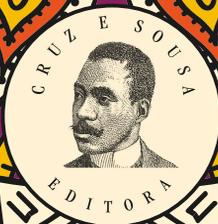


DE LIVROS E LEITURAS:

A PRODUÇÃO DE ANGELINA NEVES

Eliane Debus
Zâmbia Osório dos Santos
Organizadoras



DE LIVROS E LEITURAS:

A PRODUÇÃO DE ANGELINA NEVES

Eliane Debus
Zâmbia Osório dos Santos
Organizadoras



Eliane Debus
Zâmbia Osório dos Santos
Organizadoras

DE LIVROS E LEITURAS:

A PRODUÇÃO DE ANGELINA NEVES



2021

Expediente

© Editora Cruz e Sousa

Coordenação editorial: Fábio Garcia

Equipe técnica:

Projeto gráfico e diagramação: Andrei Cavalheiro

Revisão textual: Ana Carolina Ostetto

Capa e arte final: Andrei Cavalheiro

Conselho Editorial:

José Bento Rosa da Silva (UFPE)

Fábio Machado Pinto (UFPEL)

Maurício Pestana (Revista Raça)

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Alzemi Machado - CRB 14/677

L788 De livros e leituras: a produção de Angelina Neves [livro eletrônico] /Organização de Eliane Debus e Zâmbia Osório dos Santos.-Florianópolis : Editora Cruz e Sousa,2021. 5,38 Gb; pdf.

Inclui referências bibliográficas e apresentação de Eliane Debus e Zâmbia Osório dos Santos.

ISBN 978-65-993088-6-4

1. Literatura Africana - Moçambique. 2. Resenha Literária – Angelina Neves. 3. Literatura Infanto- Juvenil. I. Neves, Angelina. II. Debus, Eliane. III. Santos, Zâmbia Osório dos. IV. Souza, Fernanda [*et all*].

CDD M869.09

Esta obra foi produzida conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2012.

Direitos desta edição reservados à Editora Cruz e Sousa. Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

Produção: Editora Cruz e Sousa

CNPJ: 31.806.126/0001-81

Servidão Leandro Manoel de Aguiar, 186, Rio Vermelho – Florianópolis. CEP: 88060-218

Telefone: (48) 98500-9692

E-mail: contatoeditoracs@hotmail.com

www.editoracruzousa.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	07
A Banana e o Macaco	10
Joana e seu cotidiano	11
O Cão e o Gato	12
O Meu Gatinho de Angelina Neves: Um Conto Sobre Carinho e Amizade	14
Boa Noite!	17
Sobre Animais e Contos Tradicionais: O Livro O Coelho e a Hiena	18
O Coelho e o Macaco	20
A Descoberta de Rita	22
Gala-Gala e o Passarinho	24
Os Ovos Cozidos	27
Ontem e Hoje Contos Tortos e os Direitos ou a Mulher nos Contos Tradicionais: Fios Puxados Sobre a Presença de Mulheres nas Sociedades	30
Os Coelhos e os Cágados: Resolvendo Conflitos Através do Diálogo	33
A Bolinha Verde, de Angelina Neves	35

Uma Viagem ao Futuro	37
O Macaquinho Zangado	39
Vamos Contar?, de Angelina Neves	41
Eu e o Piloto	43
Menina ou Menino? Uma Reflexão e uma Indicação de Trabalho Educativo Sobre o Corpo	44
Ideias Preciosas	47
Os Dois Malandros	49
Sobre A Beleza dos Frutos e o Livro que conta a História de uma Árvore	50
O Segredo que Pode Mudar o Mundo	52
Era Uma Ateira Cheia de Atas: Uma História de Harmonia na Natureza	55
Cada um é como é	57
A Gota de Água Faladora	59
Capulana e suas aprendizagens em A Capulana de D. Filomena: Livro Didático para o Ensino Inicial	61
Vamos Repartir o Lanche	67
As/os Autoras/es	69

APRESENTAÇÃO

Eliane Debus
Zâmbia Osório dos Santos

A presente publicação se articula com o projeto de pesquisa *De lá para cá: as literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil no período de 2013 a 2018*, no seu subprojeto *Angelina Neves e a produção para infância em diálogo* e com a trajetória de pesquisa do Literalise: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de mediação Literária.

Angelina Neves, escritora e educadora, é considerada a pioneira na publicação de livros para infância e juventude em Moçambique, no pós-independência, trazendo suas publicações à cena a partir do início da década de 1990, sendo, em sua maioria, em parceria com organizações humanitárias, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e *Save the Children*, das quais recebeu prêmios devido ao seu compromisso político com os direitos da infância em seu país. Suas publicações somam mais de 40 títulos.

No processo de sistematização da produção de Angelina Neves dedicada à infância, segundo Debus, Guila e Santos (2021, p. 65, grifos nossos):

[...] elencamos três categorias principais: elencamos três grandes grupos: 1) **produção didático-informativa**, que abarca os “livros didáticos para a fase pré-escolar” (OLIVEIRA, 2011, p. 85), revistas e livros informativos, compreendidos como “livros que convidam a uma reflexão, e livros que informam sobre tudo aquilo que as crianças veem de maneira fugaz na vida real” (GARRALÓN, 2012); 2) recontos, enquanto tradução de cultura oral para uma cultura grafada e também recriação, reconstrução de



tradições que não são estáticas (SISTO, 2010); e 3) narrativas contemporâneas, tendo como uma de suas características a interdependência de linguagem verbal e visual na composição do livro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985).

A produção de Angelina Neves ainda não se faz presente no Brasil, assim, um dos objetivos da pesquisa é torná-la presente, de forma a se inserir na categoria de “literaturas africanas” (DEBUS, 2017, p. 26). A categoria diz respeito à produção de escritoras/es de nacionalidade africana, que podem ser demarcadas pelos países de origem, no caso das literaturas africanas de Língua Portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe). Além disso, conforme Debus (2017, p. 32) “[...] essa categoria sugere outras subcategorias, como literatura vinculada à origem oral (lenda, fábulas, entre outras) e literatura contemporaneíssima (narrativas curtas em diálogo com a ilustração)”, além dos gêneros em prosa, poético e dramático.

Mapear a produção da escritora e efetivar a resenha dos títulos é uma das etapas desta pesquisa. Desse modo, apresentamos nesta publicação a resenha de 27 títulos realizada por 17 pesquisadores do Literalise, de diferentes níveis de formação (Graduação e Pós-Graduação) e atuação (Educação Básica e Ensino Superior).

A importância de divulgar esta produção integra um movimento maior de publicizar produções africanas, mais especificamente, de países de língua portuguesa, como Moçambique, com experiências que nos aproximam e também nos distanciam, de modo a construir repertórios de leitura de vivências diversas, com múltiplas possibilidades de existir como criança no espaço literário.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane; GUILA, Etelvino; SANTOS, Zâmbia Osório dos. *Angelina Neves e a Coleção Histórias Tradicionais: de Coelhos, Hienas e Macacos*. FAEEBA, Salvador, v. 30, n. 62, p. 62-75, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/11120/8143>. Acesso em: 5 jul. 2021.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.



A BANANA E O MACACO

Fernanda Souza

Mestranda em Educação – PPGE/UFSC

Bolsista CAPES

2021

O livro *A Banana Vaidosa* (1993) foi adaptado e ilustrado pela educadora Angelina Neves, o qual contou com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e integra uma coleção para crianças pequenas, com intuito de provocar o interesse pela leitura, desenvolvendo a imaginação e a criatividade.

A narrativa centra-se na Banana Vaidosa, personagem protagonista, que, ao saber que o macaco apreciava bananas, desprende-se do cacho e sai à sua procura para que confirmasse que ela era a banana mais bonita.

Ao ir atrás do macaco na floresta, ela se deparou com diversos animais: o primeiro foi o pato, que se assustou ao ver uma banana procurando um macaco; em seguida, a banana perguntou para o rato, que até tentou perguntar o porquê da procura inusitada, mas ela estava com tanta pressa que nem ouviu ele. Na sua incessante procura, deparou-se também com o gato, que achou muito estranha aquela peregrinação em busca do símio. Ao encontrar-se o sapo, a banana fez a mesma indagação: “- Onde eu posso encontrar o macaco?” (NEVES, 1993, n.p.). Já o sapo apontou para o coqueiro indicando onde ele estava.

Ao deparar-se com o macaco, ela ficou muito feliz e, na mesma hora, chamou-o: “- Senhor Macaco, venha aqui ver como eu sou bonita” (NEVES, 1993, n.p.). Sem hesitar, ele pegou a banana, descascou-a e comeu tudo numa só bocado. Após comê-la disse que a banana era boa, bonita e saborosa, mas ela não estava mais lá para ouvir.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *A banana Vaidosa*. Maputo: UNICEF, 1993.



JOANA E SEU COTIDIANO

*Edneide Maria Ferreira Santos
Mestranda em Estudos da Tradução – PPGET/UFSC
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento
Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA)
2021*

O livro *Eu sou a Joana*, da escritora moçambicana Angelina Neves, publicado em 1993 pelo Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), é um conto destinado, principalmente, ao pequeno leitor/ouvinte em idade pré-escolar.

A protagonista Joana narra a sua história focalizando os flagrantes do cotidiano das crianças desde o universo escolar às brincadeiras infantis. Escola, família e amizade são os temas presentes no livro. As ilustrações são simples e realçadas com lápis de cor.

No final da narrativa, a escritora registra um velho e fascinante costume familiar de outrora que vem se perdendo com os novos tempos: o hábito de todas as noites a menina Joana e seu irmão ouvirem histórias contadas pelos pais ou cantos de acalantos antes de adormecerem.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Eu sou a Joana*. Maputo: UNICEF, 1993.



O CÃO E O GATO

Elaine Lima

Mestranda em Estudos da Tradução - PPGET/UFSC

2021

O cão e o gato, de Angelina Neves, foi publicado em 1993 pelo Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), e tem ilustrações criadas pelo Setor de Informação e Comunicação Social dessa instituição.

Trata-se, assim, de um livro para o público infantil e que tem como principal finalidade provocar nas crianças pré-escolares, ou seja, ainda não inseridas no ambiente escolar, o interesse pela leitura, desenvolvendo-se a imaginação, bem como a própria criatividade.

A história conta a relação existente entre um cão e um gato que não se entendem por não falarem a mesma língua. Apesar de o cão cumprimentar o gato todas as manhãs, o gato achava que o cão lhe insultava e, em decorrência disso, ficava eriçado, bufava e zangava-se.

No entanto, como o cão não entendia o motivo de o gato ficar daquela forma nem o que ele lhe dizia, tentava, constantemente, ser seu amigo e convidá-lo para brincar. Assim, cada vez que o cão tentava se aproximar do gato e não tinha êxito em sua conquista, ficava bastante triste, mas, na manhã seguinte, tentava se aproximar novamente.

Em um determinado dia, o gato viu-se em “apuros”, porque escorregou e caiu em um tanque de água. Mesmo sem entender que o gato estava pedindo ajuda, o cão saltou para dentro do tanque e o salvou. O gato achou, naquele momento, que o cão iria comê-lo e, logo que chegou ao chão, saltou assustado prestes a fugir. Entretanto, em seguida, deu-se conta que o cão não queria fazer-lhe mal, envergonhou-se de sua atitude e, mesmo com medo, criou coragem para agradecê-lo com um beijo, que selou a amizade entre ambos.

Verifica-se, portanto, que *O cão e o gato* é uma história que retrata uma narrativa simples e objetiva voltada às



crianças, mas que envolve fatores de suma importância, como, por exemplo, as dificuldades enfrentadas com a pluralidade linguística e o quanto elas podem servir de óbice às relações interpessoais.

Constata-se, ainda, que é uma obra que retrata o quão relevante é compreender as diferentes línguas existentes, porque apenas por intermédio desse entendimento é que se possibilita um contato mais direto e íntimo com o outro, o qual envolve não somente conhecer o outro, mas também entender as suas necessidades, desejos, interesses e, até mesmo, angústias e desafios.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *O cão e o gato*. Maputo: UNICEF, 1993.

O MEU GATINHO DE ANGELINA NEVES: UM CONTO SOBRE CARINHO E AMIZADE

Rosangela Fernandes Eleutério
Doutoranda em Estudos da Tradução – PPGT/UFSC
Bolsista CAPES
2021

Angelina Neves, em seu livro infantil *O meu gatinho*, publicado em 1996, em Maputo (Moçambique), narra de forma sensível a relação de carinho e amizade entre um menininho moçambicano e seu gato.

O texto está editado em letras minúsculas e em fonte grande, que ocupam toda a página e se alternam com as páginas ilustradas. O título faz parte da Coleção Boa Noite e traz um conteúdo que faz jus à temática da coleção, pois a narração contém a repetição de “meu gatinho” em todas as páginas, o que colabora para o ritmo monótono e acalentador que acalma a criança antes de dormir.

A história começa em primeira pessoa com a afirmação “Eu tenho um gatinho” (NEVES, 1996, p. 3) e repetindo “um gatinho”, o texto traz as ações tanto do gato quanto do menino. A dinâmica entre o eu e ele (menino e gato) se alterna nessa narrativa, como: eu tenho, ele faz, eu imito, ele vem, eu sou. Esse elemento colabora para a formação leitora da criança em fase de alfabetização e também no reconhecimento de si e do outro. Conceitos como ação e reação, respeito e reciprocidade, estão implícitos na história, e as brincadeiras entre a criança e o animal tratam das diferenças entre as pessoas e os animais, levando o menino personagem ao reconhecimento de si e suas habilidades, diferentes das dos gatos.

O texto apresenta palavras e contextualização, que revelam um pouco da cultura moçambicana e da familiaridade que as crianças têm com animais selvagens.



Neves (1996) traz para a história um gato como tema central e que, ao sair para passear, encontra outros animais dos quais não tem medo, como o elefante, leão, jacaré e hipopótamo. Dessa forma, a autora toca com sensibilidade os medos que as crianças podem ter de animais maiores, o que abre espaço para que elas possam ser tranquilizadas e verbalizarem outros medos possíveis que venha a ter, além de aprenderem palavras possivelmente desconhecidas, dependendo da idade do pequeno leitor.

As ilustrações desempenham um papel fundamental para a leitura do livro pela criança, até mesmo para aquelas que ainda não sabem ler, pois o que o texto diz está ilustrado na sequência. Por exemplo, ao falar dos animais dos quais o gato não tem medo, na ilustração está o menino com esses mesmos animais em forma de brinquedo, justificando a razão pela qual não há razão para gato ou criança temer. A criança ainda não alfabetizada pode acompanhar o enredo do começo ao fim observando os desenhos e as ações que os personagens executam. Em tons pastéis, principalmente do verde, laranja e marrom, os desenhos são inclusivos ao mostrar um menino em uma aldeia, ambiente rural e elementos típicos, como a vassoura de palha, a quantidade de árvores, o chão de terra ou grama, o cesto de palha, o estilo das casas e a distância entre elas, cercadas de canteiros de plantações.

Ilustrado pela própria autora, Neves (1996) cria de forma poética um livro que dialoga com as crianças de diferentes espaços de seu país, acessível também àquelas das cidades e das zonas rurais. Em um país onde o livro é ainda pouco valorizado, crianças que vivem longe das cidades praticamente não têm acesso à leitura de livros de histórias, nem mesmo nas escolas. Por essa razão, os livros de Angelina Neves foram pensados para serem distribuídos gratuitamente, contribuindo, assim, para a democratização da leitura e emancipação do pensamento autônomo e reflexivo.

A edição termina com a proposta de uma brincadeira chamada “os gatos e o cão”. Dessa forma, as crianças podem levar a leitura para fora do livro e vivenciarem a experiência

leitora com atividades práticas. Ademais, essa relação estabelecida entre o texto e a brincadeira mostra para as crianças que ler é uma atividade tão prazerosa quanto brincar. E, assim, podem associar a leitura como um ato de diversão e ludicidade.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *O meu gatinho*. Maputo: Coopimagem, 1996.

BOA NOITE!

Tatiana Valentin Mina Bernardes
Doutoranda em Educação - PPGE/UFSC
Professora de Educação Infantil SME/ PMF
2021

O livro *Boa noite*, de Angelina Neves e ilustrações de Elena M. Ospina e Luís Eduardo León, foi publicado em 1992, em Moçambique, teve adaptações à cultura espanhola e colombiana e financiamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com apoio dos fundos ECHO. Na Colômbia, o livro foi publicado em 1997, contou com a ajuda de entidades homólogas, como a Cruz Vermelha Colombiana e Ministério da Educação, e apresentou nova adaptação em 1999 com o auxílio da UNICEF.

A narrativa apresenta a história do macaquinho Miquito, que, em uma noite enluarada, tem dificuldades para dormir. Sua mãe Miquita tentou de todas as formas fazê-lo dormir, mas ele só queria brincar e confessou a ela que estava com medo do escuro e, por esse motivo, não conseguia dormir. A Lua, que observava a cena, resolveu intervir e explicou ao Miquito que a noite é linda, cheia de estrelas, não machuca ninguém, é tranquila e ótima para dormir.

A Lua pediu que Miquito fechasse os olhos e cantou uma música: “Boa noite, até amanhã. Durma bem ... sonhe comigo. Um bom sonho ... bom muito bom, até amanhã” (NEVES, 1992, p. 7). Ele logo dormiu e, admirada, a mãe tratou de perguntar para a Lua como conseguiu fazê-lo adormecer. A Lua explicou que cantou uma música e a ensinou para ela. Desse dia em diante, Miquita nunca mais teve problema para fazer Miquito dormir.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Boa noite*. Il. Elena M. Ospina e Luís Eduardo León. Moçambique: UNICEF, 1992.



SOBRE ANIMAIS E CONTOS TRADICIONAIS: O LIVRO O COELHO E A HIENA¹

Zâmbia Osório dos Santos
Doutoranda em Educação - PPGE/UFSC
Bolsista CAPES

Etelvino Manuel Raul Guila
Doutorando em Educação/UFSC
Bolsista Capes
Professor na Universidade Eduardo Mondlane

Eliane Debus
Professora do PPGE - PPGET/UFSC
2021

O livro *Coelho e a hiena* (2012), adaptado e ilustrado por Angelina Neves, é uma história recolhida em Línguas Locais de Cabo Delgado e integra a *Coleção histórias tradicionais dos grupos linguísticos de Cabo Delgado*, uma província ao nordeste de Moçambique. A coleção organiza-se com o objetivo de traduzir histórias recolhidas em E-Makua, Ki-Muani ou Shi-Macomde para Português e vice-versa e foi financiado pela Comissão Europeia.

Essa política de recolha de histórias e publicação em formatos bilíngues ou com sua tradução e adaptação para a língua portuguesa, caso desse livro, é presente em outras coleções de livros para infância em Moçambique em movimentos que buscam, de acordo com os agradecimentos do livro, “[...] integrar a cultura deles em material do sistema educativo” (NEVES, 2012, p. 2).

1 Parte dessa resenha está no contexto do artigo “Angelina Neves e a Coleção Histórias Tradicionais: de Coelho, Hienas e Macacos”, de Debus, Guila e Santos (2021).



A narrativa acompanha as personagens o Coelho e a Hiena em diferentes situações, onde a Hiena tira vantagem da boa visão do Coelho, atribuída ao fato de comer muitas cenouras. Cansado da situação, o Coelho decide “lhe dar uma lição” (NEVES, 2012, p. 9). Assim, a Hiena aprende que mentir e contar vantagens não são as melhores escolhas para manter amizades.

No caso de *O Coelho e a hiena*, a organização dialoga com uma possível categoria de reconto, considerando a origem da história, recolha de tradicionais grupos linguísticos de Cabo Delgado, que perpassa o conteúdo da narrativa e a forma literária dessa produção.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane; GUILA, Etelvino; SANTOS, Zâmbia Osório dos. *Angelina Neves e a Coleção Histórias Tradicionais: de Coelhos, Hienas e Macacos*. FAEEBA, Salvador, v. 30, n. 62, p. 62-75, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/11120/8143>. Acesso em: 5 jul. 2021.

NEVES, Angelina. **O Coelho e a hiena**. Moçambique: Fundação Aga Khan, 2012.

O COELHO E O MACACO²

Etelvino Manuel Raul Guila
Doutorando em Educação/UFSC

Bolsista Capes
Professor/ Universidade Eduardo Mondlane

Zâmbia Osório dos Santos
Doutoranda em Educação - PPGE/UFSC
Bolsista CAPES

Eliane Debus
Professora do PPGE - PPGET/UFSC
2021

O coelho e o macaco (2012) é um livro adaptado e ilustrado por Angelina Neves, que está inserido na coleção de contos tradicionais dos grupos linguísticos de Cabo Delgado, província nortenha de Moçambique, denominado *Integração da cultura local na educação*. Trata-se de um livro produzido no âmbito da integração da cultura local no sistema educativo.

O livro teve a sua materialização concebida pela Fundação Aga Khan, uma rede de desenvolvimento, com ações centradas na província de Cabo Delgado, e contou com a coordenação de Américo Boaze e Ana Maria Pondeca, para além do apoio financeiro da União Europeia.

O Coelho e o macaco, para além de estar em língua portuguesa, também teve a tradução de e para as línguas: bantu da província de Cabo Delgado; o *Kimwani*, falado em Mocímboa da Praia, Macomia, Quissanga, Ibo e nas Ilhas do Arquipélago das Quirimbas, Cidade de Pemba, capital da província e Vila de Palma; o *Shimakonde*, que marca presença em Macomia, Meluco, Mocímboa da Praia, Mueda, Muidumbe, Nangade e Palma; por fim, o *Emakhuwa*, falado

2 Parte significativa dessa resenha se encontra no artigo “Angelina Neves e a Coleção Histórias Tradicionais: de Coelho, Hienas e Macacos”, de Debus, Guila e Santos (2021).



em algumas regiões fronteiriças com a província de Nampula, Abudala Machude, Curtume Chande e Davety Mpiuka.

A narrativa curta, que abrange 24 páginas, gira em torno de dois animais da fauna moçambicana, designadamente, o coelho e o macaco, dois amigos que estabelecem diversas relações quotidianas, com foco na plantação de feijão, em um ambiente fraternal. No entanto, as boas relações iriam comprometer-se pela falta de honestidade de ambos ao não dizerem a verdade um para o outro quando cometem algo de errado, preferindo inventar justificativas infundadas. Felizmente, os dois amigos, após descobrirem as suas ações maléficas, optaram por retificar o seu comportamento, o que fortificou ainda mais a relação de ambos.

REFERÊNCIAS

DEBUS, Eliane; GUILA, Etevlino; SANTOS, Zâmbia Osório dos. *Angelina Neves e a Coleção Histórias Tradicionais: de Coelho, Hienas e Macacos*. FAEEBA, Salvador, v. 30, n. 62, p. 62-75, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/11120/8143>. Acesso em: 5 jul. 2021.

NEVES, Angelina. *O coelho e o macaco*. Moçambique: Fundação Aga Khan, 2012.



A DESCOBERTA DE RITA

Laila Maheirie

Acadêmica do Curso de Pedagogia / UFSC

Bolsista PIBIC/CNPq

2021

O livro *O dia em que encontrei uma mina*, de Angelina Neves, foi publicado em 1993 pela Editora *Handicap International*. A protagonista da história é Rita, uma menina que mora em uma pequena e unida comunidade.

Na narrativa, sua mãe pede que ela vá colher lenha enquanto esmaga grãos e cuida de seu irmão mais novo. Rita apanha os gravetos e as flores pela mata cantarolando e, de longe, um homem estava a passar. Então, ela pausa os olhos em um objeto estranho, o qual acha engraçado e pergunta “- O que é isso?” (NEVES, 1993, n.p.), fazendo menção de tocá-lo. Rapidamente, o homem grita para que ela não toque o objeto: “Isto é uma mina” (NEVES, 1993, n.p.). Aproximando-se, ele explica o perigo de explodir ao se ter contato. Curiosa, Rita pergunta o que acontece quando ela explode, e o homem conta da lástima que seria: poderia morrer, perder membros de seu corpo ou, talvez, acontecer a mesma coisa que ocorreu com o Beto, que ficou cego.

A menina, então, sente medo e diz para ambos saírem de lá rápido. O homem pede para esperar, segura sua mão e avisa do risco de haver mais minas pelo chão: “[...] é perigoso andar à toa. Temos de passar por caminhos que já conhecemos” (NEVES, 1993, n.p.). Feito isso, andaram juntos de volta à comunidade. Ele afirma que teriam de dizer a toda gente sobre esse perigo, de forma que ninguém circule por ali.

Ao retornarem, o homem pede a Rita que avise a todos sobre a mina enquanto ele falava com os chefes: “não esqueça de nenhum dos teus amigos” (NEVES, 1993, n.p.). Assim, ela correu para fazê-lo, anunciando às pessoas a respeito da mina e o perigo de haver mais delas por lá. Ela e seu amigo, que perdeu a perna, dizem para nunca tocar ou agarrar algo que



desconhecem, pois pode ser uma mina ou outro utensílio explosivo.

O desfecho da história dá-se numa cartilha com imagens e objetos que se deve manter distância, como variados tipos de granadas e explosivos, fios na estrada conectados a eles e um aviso de que vários ainda estão enterrados pelo chão, sendo visível somente a sua parte superior cravada na terra.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *O dia em que encontrei uma mina*. Maputo: Handicap International, 1993.

GALA-GALA E O PASSARINHO

Maria Aparecida Rita Moreira
Doutora em Literatura - PPGL/UFSC
Professora aposentada SED/SC
2021

Gala-gala e o passarinho é uma produção para a infância de Angelina Neves. A primeira pergunta que é possível fazer ao ler o título dessa história é: o que é um gala-gala? Para responder essa pergunta, trago a ilustração presente na história.

Ilustração 1 - O que é um gala-gala?



Fonte: Neves (200?). Acervo do Literalise.

A ilustração traz uma primeira resposta visual. Para saber mais, em uma pesquisa ao dicionário online encontramos a seguinte definição: “Designação comum a várias espécies de lagartos africanos do gênero *Agama*, de cabeça azul”. Nessa mesma direção, está um depoimento em uma página de uma rede social no *Facebook*:

Gala-gala (do Changana, galagala) é uma variedade moçambicana de pequenos lagartos de grande cabeça, geralmente de cor esverdeada-azulada, de cauda longa e insetívoros, que atingem entre 20 a 30cm de comprimento, habitam nas savanas africanas,



mas passaram a ser uma presença habitual nos jardins das povoações e cidades.

Os comentários presentes nessa rede social eram afetuosos e compactuam com a ideia apresentada na narrativa de Angelina Neves (200?). Numa pesquisa rápida, mais científica, relacionada à biologia, nada foi localizado.

Agora que o personagem já foi apresentado, retoma-se a narrativa: *Gala-gala e o passarinho* conta a história da amizade entre esse réptil “bonitinho” e um passarinho.

Ilustração 2 – Gala-gala e o passarinho.



Fonte: Neves (200?). Acervo do Literalise.

A história retrata o companheirismo entre bons amigos: “Quando o passarinho voava, o gala-gala batia palmas”; “Eu gosto de ti assim!”; “Eu também gosto de ti” (NEVES, [200-?], n.p.). Uma amizade que faz com que o gala-gala deseje ter asas para voar com o amigo.

Numa narrativa curta, Angelina demonstra que as diferenças fazem parte da natureza e que devemos e podemos aprender a conviver com elas, aceitando-as. Que todas/os têm qualidades que precisam ser valorizadas. Assim, se o gala-gala queria voar, mas não podia porque não tinha asas, o amigo passarinho o consolava: “Tu não tens asas, mas podes pintar a tua cabeça de azul” (NEVES, 200?, s.p).

Outro aspecto que se pode observar é a presença da mãe do gala-gala, a qual ele pergunta quando irá voar, mas ela explica que gala-gala não voa. Essa é uma característica

recorrente em histórias infantis, isto é, a presença de mães que solucionam as dúvidas dos menores.

Evidencia-se, também, a escolha do gala-gala como personagem central da narrativa, com base nos depoimentos encontrados na citada página do *Facebook*, indicando que os gala-galas são presença comuns em Maputo e outras cidades moçambicanas, portanto, a escolha do animal parece ter sido feita com o propósito de chamar atenção para esse réptil.

Contos e fábulas que trazem animais como personagens sempre fizeram parte das narrativas infantis, e *Gala-gala e o passarinho* é mais uma das muitas histórias que fazem parte desse elenco.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Gala gala e o passarinho*. 200-?.

OS OVOS COZIDOS

Rosilene F. Koscianski da Silveira
Doutora em Educação - PPGE/UFSC
2021



Fonte: Acervo do Literalise.

O livro *Os ovos cozidos* apresenta um conto tradicional moçambicano, acolhido e recontado, por escrito. Possui um suporte com formato retangular, capa, ficha técnica e mais 12 páginas enumeradas e ilustradas, dentre as quais oito contam a história e sua moral, e as demais se propõem a interagir de vários modos com o leitor-criança. A edição desse livro é de 2006 e surge como resultado de uma parceria entre Tânia Muge e a autora e Angelina Neves, aqui no papel de colaboradora, que juntas apresentam o desenrolar da narrativa enviada por Alberto Mondlane ao projeto *Criança Família Desenvolvimento* (CFD), que contou com o patrocínio do governo de Maputo.

“Um dia, a girafa viu os ovos de uma galinha e teve a ideia de a ajudar. Para fazer os pintainhos a nascer a girafa pôs os ovos a cozer!” (MUGE; NEVES, 2006, p. 1). É com esse evento inusitado que a contação da história se inicia e acontece em dois planos: um como convite à leitura e o outro como chamada à ação. Assim também são as vozes narrativas



do conto, que caminham paralelamente, entrelaçando texto escrito e ilustração. A primeira é a do narrador-testemunha, que mostra a discussão entre a girafa e o javali por causa dos ovos da galinha e, a segunda, bastante provocativa, é a voz narrativa da girafa, personagem que, ao falar em segundo plano, desloca o leitor para uma ação colaborativa na ilustração.

O livro não traz informações sobre a autoria das ilustrações, embora elas exerçam diálogo direto com a narrativa. Ilustrado com desenhos feitos à mão, pintados com lápis de cor e com alguns dos elementos aguardando pela pintura, o livro tem uma proposta bastante interativa.

A interação é provocada no livro não somente pelos convites que faz para o leitor pintar os desenhos sem cor, mas também quando amplia possibilidades propondo outras ações, a saber: “Junta um grupo de amiguinhos e cada um de vocês vai perguntar aos outros se precisam de ajuda ou não” (MUGE; NEVES, 2006, p. 8); “Desenha aqui uma coisa que gostas de fazer” (MUGE; NEVES, 2006, p. 9); e, “-Vamos ajudar as plantas! Vamos esmigalhar as cascas dos ovos e colocar nos vasos ou canteiros em casa ou na escola” (MUGE; NEVES, 2006, p. 11).

O conto *Os ovos cozidos* reúne as características da fábula, onde os animais são personificados, falam, ensinam os humanos, deixando bem explícito qual é a moral da história. Dessa forma, com esse livro, as autoras-adultas assumem deliberadamente o papel educativo na forma como adaptam o conto tradicional para dialogar com os pequenos leitores, quando utilizam outros paratextos para fornecer informações sobre a importância dos ovos na alimentação, sobre o potencial da sua casca para as plantas ou, ainda, na maneira como instigam as crianças a pensar de modo dedutivo: “Se eu cozer as sementes dos frutos ou legumes, eu posso plantar a seguir?” (MUGE; NEVES, 2006, p. 6). A moral da história, além de incentivar o leitor a ajudar alguém, sugere que ela precisa ser adequada: “Pergunta aos outros se precisam da tua ajuda” (MUGE; NEVES, 2006, p. 8).

O pequeno-grande livro intitulado *Os ovos cozidos* transborda afeto e preocupação com uma educação sensível e solidária, deixa entrever, na delicadeza das ilustrações, o desejo de uma participação ativa da criança na leitura ou audição da narrativa e no colorir de suas imagens. A ilustração da capa faz o título da história parecer um ninho aconchegante que acolhe os ovos da galinha para chocar seus pintinhos ou, se por acaso eles tiverem cozidos, poderão ser pintados e oferecidos como presente de Páscoa para alguém que se quer bem.

Para finalizar, penso que a leitura de *Os ovos cozidos* na companhia das crianças pode revelar outras possibilidades nele escondidas.

REFERÊNCIA

MUGE, Tânia; NEVES, Angelina. *Os ovos cozidos*. Maputo: Coopimagem, 2006.

ONTEM E HOJE CONTOS TORTOS E OS DIREITOS OU A MULHER NOS CONTOS TRADICIONAIS: FIOS PUXADOS SOBRE A PRESENÇA DE MULHERES NAS SOCIEDADES

Zâmbia Osorio dos Santos
Doutoranda em Educação - PPGE/UFSC
Bolsista CAPES

O livro *ONTEM e HOJE Contos Tortos e os Direitos ou a MULHER nos contos tradicionais*, de Angelina Neves (2011), foi ganhador do Prêmio Nacional de Literatura 25 de maio 2010. Conta com fotografias de Mário Lemos e publicado pela Associação Pan-africana de Escritores (PAWA) com tiragem de 500 exemplares.

A obra tem capa em cor marrom, com uma fotografia ao centro, onde uma menina mantém a chama para algum preparo na panela. As dimensões do livro são de 21 centímetros por 14,5 centímetros, 50 páginas e impressão em papel 90g/m, escolha que valoriza as ilustrações em fotografia, que estão dispostas ao longo de todo o livro em diálogo com os contos que são narrados pelas personagens.

Entre os três paratextos, temos uma nota da autora, outra do editor e uma breve reflexão da autora na contracapa. Na primeira, há uma reflexão sobre os contos escolhidos para o livro, onde se indica que é constante ter acesso às recolhas de contos tradições, que lhe chegam por meio de Organizações Não Governamentais (ONG) moçambicanas, além daquelas feitas entre “professores, educadores e ‘avós’” (NEVES, 2011, p. 1) e que sua feitura transforma esses registros em livros de literatura para infâncias. Devido à circularidade de povos e culturas, Neves não sabe dizer de onde é cada conto, se do norte ou do sul de Moçambique, ou se são árabes ou indianos, mas eles estão no livro como recontos que podem se encontrar



em outros livros que dialogam com contos tradicionais de Moçambique.

A nota do editor informa sobre a premiação literária que possibilitou a publicação do livro, o Prêmio literário 25 de Maio PAWA, em parceria exclusiva com a Electricidade, de Moçambique, Empresa Pública (EDM EP). A data a qual o prêmio se refere é a celebração do Dia de África, instituído pela fundação da Organização de Unidade Africana (OUA), em carta assinada por 32 estados africanos já independentes, em Addis Abeba, Etiópia, no ano de 1963.

O prêmio chegava então em sua terceira edição, tendo publicado os livros *No Regulado de Canda-Canda*, de Arnaldo Massangaie e “*a Astúcia à Vingança do Coelho*, uma coletânea dos contos e lendas tradicionais (NEVES, 2011, p. 2). O texto deste paratexto informa sobre a escolha do “gênero da literatura oral” (NEVES, 2011, p. 2) como foco e defende, enquanto PAWA, o suporte livro como um “[...] instrumento indispensável na preservação e divulgação da cultura” (NEVES, 2011, p. 2).

ONTEM e HOJE Contos Tortos e os Direitos ou a MULHER nos contos tradicionais é, então, uma coletânea com 24 contos costurados pela narrativa de Ilundi, personagem que, junto de sua prima Marta, ouve as histórias de sua avó e sua tia. A cada história, fios são puxados e levam a situações e outras narrativas, tecendo uma *capulana* de histórias. Nos contos, encontramos seres mágicos, histórias de esperteza, com espíritos e, com as quatro personagens centrais, fazem considerações sobre as mulheres em diferentes sociedades ao longo dos tempos, como na fala de Tia ao final do conto “Menina Teimosa” e antes de iniciar o conto “A irmanzinha”,

Em todos os tempos, houve sociedades que respeitaram as mulheres e as que as desrespeitaram, assim como mulheres que souberam fazer-se respeitar pelas sociedades onde viviam, mesmo sendo “diferentes” e não cumprindo as “tarefas” que deveriam ter, de acordo com as tradições. Essas são mulheres

que fizeram história! E, ainda hoje, são admiradas por todos nós! (NEVES, 2011).

Na história, o dia se passa com as mulheres conversando e contando histórias. Quando fica escuro, a Avó conta a última história, convocando Marta e Ilundi a pensarem sobre ela, e deixassem matutar até um outro momento.

Na contracapa, Neves assume que em seu trabalho de seleção de narrativas escolhe contos com menor presença de violências e, em suas palavras, ela faz adaptação “[...] para que as ‘morais’ e ‘lições a tirar’ estejam mais de acordo com os ‘novos’ conceitos de Direitos Humanos e os Direitos das Crianças” e convoca quem a lê a refletir sobre as mensagens dos “contos tradicionais” (NEVES, 2011, p 49), não somente em África, mas também os que estão no Velho Testamento, Alcorão e Tora, bases para muitas histórias e acréscito, para muitas sociedades. Não é um convite às adaptações a estética e morais atuais, mas de reflexão e questionamento para que “valores e filosofias” (NEVES, 2011, p. 49) não sejam publicizados de forma mecânica ou descontextualizada. O convite de Angelina Neves é provocativo.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *ONTEM e HOJE Contos Tortos e os Direitos ou a MULHER nos contos tradicionais*. Moçambique: PAWAEDM, 2011.

OS COELHOS E OS CÁGADOS: RESOLVENDO CONFLITOS ATRAVÉS DO DIÁLOGO

Rosângela Fernandes Eleutério
Doutoranda em Estudos da Tradução - PPGET/UFSC
Bolsista CAPES
2021

O livro *Os coelhos e os cágados*, de Angelina Neves, foi publicado em 1996, em parceria com a Associação Progresso e a Fundação Bernard Van Leer e traz como personagens principais os coelhos e os cágados, duas espécies de animais muito diferentes em suas fisionomias, hábitos e necessidades. Esses animais se envolvem em um mal entendido: o famoso “disse me disse”, onde os coelhos se enfurecem com um comentário negativo dos cágados sobre eles, os coelhos. Enfurecidos, os peludos planejam uma vingança. Convidam os cágados para o aniversário de sua filha coelhinha e, na festa, colocam todos os alimentos fora do alcance dos cágados. Consideram que, pela forma do corpo dos cágados, eles não poderão alcançar a comida que está no alto, em cima da mesa. Os coelhos também orientam os demais convidados a não conversarem com os cágados, e assim foi feito. Sem acesso à comida, ignorados por todos durante a festa, os cágados sentiram-se profundamente humilhados e foram embora, pensando em uma vingança.

Para vingar-se dos coelhos, os cágados organizam outra festa e os convidam. Com o mesmo artifício usado pelos coelhos, mas ao contrário, colocaram os alimentos em uma grande toalha no chão e proibiram os coelhos de se sentarem nela para comer antes de lavarem as patas. Diziam que era por uma questão de higiene. Mas, como os coelhos caminham com as quatro patas (e que são peludas) no chão, todas as vezes que iam até o lago e molhavam as patas, ao chegarem à festa estavam ainda mais sujas. Assim, os cágados os impediam de se sentarem e os coelhos foram embora, ofendidos e humilhados.



A maneira que uns atacam os outros (coelhos e cágados) exige deles que façam algo impossível para sua natureza. Assim, a distância e possibilidade de empatia entre as duas espécies se torna algo muito difícil. Eles precisam da amizade e intervenção de outros animais da floresta para resolverem esse conflito angustiante.

O elefante, que não gostava de conflitos e inimizades na floresta, propõe resolver o problema com uma reunião e diálogo, onde os dois lados poderiam dizer e ouvir as opiniões uns dos outros. Reuniu todos os animais, coelhos e cágados e deu a eles a oportunidade de falar o que os incomodavam em suas atitudes, que poderiam expressar suas insatisfações e opiniões sobre as atitudes de seus amigos. Porém, não houve acordo. Ambos os lados fazem mais ameaças e insultos às suas naturezas.

Os demais animais que estão presentes na reunião mediam as discussões e mostram para cada um deles novos pontos de vista, novas possibilidades de confraternizarem, perdoarem-se e sentirem empatia uns pelos outros, mostrando as limitações e os talentos de cada espécie. Dialogando, os coelhos e os cágados entendem-se e perdoam-se, fazem as pazes e, com a ajuda dos outros animais que habitam a floresta, comemoram com uma grande festa em celebração da paz e da amizade.

A narrativa, aliada às ilustrações, torna a leitura agradável e também auxilia na reflexão e no diálogo com as rianças sobre vários temas importantes, como, o rancor, a vingança, as diferenças físicas e psicológicas de cada indivíduo, a tolerância, o diálogo, o perdão, a amizade e a empatia. O cenário, muito colorido e com animais de espécies diferentes reunidos em uma festa, é um exemplo de que podemos e devemos viver bem com as diferenças. Que o respeito mútuo é sempre necessário para a boa convivência e que o diálogo é uma excelente alternativa para resolver os problemas que nos incomodam e ajudar a entender a perspectiva do outro.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Os coelhos e os cágados*. Maputo: Coopimagem; Progresso; Fundação Bernard Van Leer, 1996.

A BOLINHA VERDE, DE ANGELINA NEVES

Djalma Enes
Doutorando em Educação - PPGE/UFSC
Professor Universidade Federal do Acre – Campus Floresta
2021

O livro *A Bolinha Verde*, da escritora moçambicana Angelina Neves, publicado em Maputo, Moçambique, no ano de 2001, pela chancela da Editora Coopimagem, narra a história da Bolinha Verde, uma bola de fogo criada pelo Nada, que representa o planeta Terra. Nas palavras da autora, “A história que vou contar é a de uma bola pequenina que se cansou de brilhar e se apagou” (NEVES, 2001?, n.p.).

Um livro bastante instigante, feito sob medida para ler e se divertir com a criançada, ao mesmo tempo em que proporciona reflexões sobre a atuação humana diante do planeta em que vivemos, compartilhando o encantamento reservado em cada detalhe da narrativa que termina com um final surpreendente.

A obra organiza-se a partir de uma sucessão de episódios que parecem narrar a criação do mundo e dos seres vivos: “A bolinha, contente, inventou a semente que tem o segredo da vida e se reproduz sozinha. E começou a inventar outras formas de vida” (NEVES, 2001, n.p.) Assim, de maneira lúdica e bastante interessante, a autora apresenta o nascimento do universo, mencionando os astros celestes, Sol, Lua e estrelas, destacando o planeta Terra, ao fazer alusão sobre sua criação e a situação dos dias atuais.

A *Bolinha Verde* destaca a criação do ser humano: “Trabalhou durante muitos anos e criou o Homem. Admirou a sua obra e deixou-lhe o paraíso que inventara” (NEVES, 2001, n.p.). E enfatiza a interferência humana no planeta com ações que desencadeiam destruição do ambiente e da vida na Terra, levando o leitor a realizar reflexões a respeito da situação em que se encontra nosso mundo: “Destruíram florestas, poluíram



águas, envenenaram plantas e animais e nem o ar que respiram eles respeitaram...” (NEVES, 2001, n.p.).

Aborda ainda a falta de percepção para as ações destrutivas atuais: “O Homem anda à procura de ‘paraísos’ nas outras bolas enquanto destrói o que lhe foi oferecido com tanto amor. A bolinha verde não entende – ela criou impossíveis, deu vida ao fogo e o Homem quer agora destruí-la? [...]” (NEVES, 2001, n.p.).

Desse modo, a narrativa nos adverte de que é sempre bom analisarmos nossas atitudes, pois o tempo mostra que nossas ações podem ser prejudiciais. Uma lição muito valiosa para as crianças e para os leitores em geral.

Uma característica marcante do livro *A Bolinha Verde* é o diálogo entre o texto escrito e o visual, pois as ilustrações, em sua maioria com fundo escuro para representar o universo infinito, acompanham o texto de forma bastante harmoniosa, representando toda a beleza natural existente no planeta Terra, bem como a degradação ambiental por meio das atitudes humanas.

Angelina Neves finaliza o livro, de maneira criativa e reflexiva, com alguns questionamentos que levam a profundas reflexões:

- “1. Será que o Homem vai destruir a bolinha verde?”
- “2. Será que as outras bolas vão destruir o Homem e salvar a bolinha verde?”
- “3. Ou será que o Homem vai mudar e cuidar da bola verde e salvar-se a si próprio?”
(NEVES, 2001, n.p.).

Assim, pergunta a opinião do leitor: “O que é que tu achas que vai acontecer?”, convidando-nos a continuar a história “- Eu acho que.... (continua tu)”. É desse modo que viramos, nós também, autores.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *A bolinha verde*. 2001.

UMA VIAGEM AO FUTURO

Elaine Lima

Mestranda em Estudos da Tradução – PPGET/UFSC

2021

Uma viagem ao futuro, de Angelina Neves, foi publicado em 1994, em Maputo, e tem ilustrações também criadas pela autora. Trata-se, portanto, de um livro voltado à educação infantil e que tem por escopo provocar o interesse e hábito pela leitura, instigar a imaginação e a criatividade, bem como o amor pela natureza, a vida e a comunidade em que as crianças estão inseridas e desenvolvem suas relações sociais, para além do interesse pela aventura e descoberta de ser feliz, seja no ambiente familiar, comunitário ou social.

A história é voltada, principalmente, às crianças moçambicanas, retrata a vida de um menino infeliz, que não tinha ninguém que lhe quisesse bem. Em um determinado dia, este menino seguiu uma nuvem que o chamava até o mar e, por um convite do mar, entrou em um barquinho para realizar um passeio. Durante esse passeio, que era guiado pela nuvem, o menino sonhava com outra realidade daquela em que vivia, com pessoas que gostassem dele e que vivessem em um local melhor.

Logo depois, o barquinho atracou, como se quisesse descansar, e o menino chegou a uma ilha denominada “Futuro”, onde ouviu risos e canções e decidiu descer para descobrir esse novo lugar. Ao descer do barquinho, foi recebido por pessoas como se ele fosse um amigo e lhe forneceram alimentação e uma cama para dormir, porque sabiam que precisava se alimentar e descansar. Essas pessoas que o receberam pareciam já lhe conhecer e saber que ele estava a caminho, por isso, ninguém lhe fez nenhuma pergunta.

Quando o menino acordou, recebeu o convite para passear pela ilha, conhecer as demais pessoas que lá moravam e brincar. Nesse passeio, conheceu o chefe da ilha, um velhinho bastante simpático e engraçado que, ao vê-lo, deu-lhe um abraço apertado, como se já o conhecesse há longo tempo. O chefe disse ao menino que toda a ilha era dele e que poderia escolher uma família para viver; e, os novos amigos lhe explicaram que essa



escolha não deixaria ninguém ofendido, sendo que, depois disso, o levaram para tomar banho, vestir uma roupa limpa e jantar.

Depois de muito pensar sobre o que o chefe da ilha tinha lhe falado, o menino escolheu ficar com um senhor que contava histórias que lhe faziam dar gargalhadas e uma senhora que fazia bolos para todas as crianças, do jeito que gostavam. Ao fazer sua escolha, foi condecorado pelo chefe da ilha e houve uma festa como forma de comemoração. Depois da festa, o menino soube que naquela ilha eram as próprias crianças que escolhiam a sua família, bem como elegiam os professores, sendo consideradas conselheiras do chefe. Lá, as crianças eram amadas, respeitadas e escutadas com atenção, isto é, consideradas muito importantes.

Quando o menino resolveu, então, agradecer à nuvem e ao barquinho que o levaram para aquela ilha, eles já haviam partido e estavam longe demais para que ele pudesse lhes dizer algo, porque, talvez, fossem procurar outro menino que tivesse história semelhante a dele.

Verifica-se, diante disso, que *Uma viagem ao futuro* é uma narrativa simples e dá ênfase aos direitos fundamentais das crianças, como, por exemplo, o direito à dignidade da pessoa humana, à vida, saúde, alimentação, educação, ao lazer, respeito, à liberdade, convivência familiar e comunitária, dentre outros.

Constata-se, além disso, que a obra demonstra o quão importante são as crianças, motivo pelo qual devem ser consideradas como sujeitos de direitos, sendo necessário dispensar condições adequadas de moradia e alimentação, mas não somente isso, porque toda e qualquer criança merece ser assistida material, emocionalmente e espiritualmente, amada e respeitada, não permitindo nenhuma forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão.

A narrativa apresenta a necessidade de as crianças viverem em um ambiente sadio, harmonioso e equilibrado, em condições dignas de existência, porque são essas crianças as principais responsáveis pela construção do futuro de uma nação.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Uma viagem ao futuro*. Maputo: UNICEF, 1994.

O MACAQUINHO ZANGADO

Fernanda Souza
Mestranda em Educação - PPGE/UFSC
Bolsista CAPES
2021

O livro *O Macaquinho zangado* (1993), de Angelina Neves, contou com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), narra a história de um macaquinho que achava que as pessoas não gostavam dele porque era mau e feio. Porém, quando era chamado para brincar, divertia-se bastante com seus amigos, mas, passada algumas horas, as suas atitudes não eram muito legais, ele agredia ou magoava os amiguinhos, mas não conseguia entender o motivo disso acontecer. Ele só sabia que uma coisa crescia dentro dele, fazendo com o que tomasse essas atitudes ruins. Depois que tudo acontecia, ele ficava triste e pensava em mudar, porque queria ter muitos amigos para brincar. O macaquinho tinha um segredo, ele queria ser forte e valente, mas, no fundo, tinha medo de muitas coisas, inclusive, de que os outros descobrissem que tinha vários medos.

Um dia sentado em sua árvore, o macaquinho pensou que se fosse igual ao leão, não teria medo de nada, iria ser só um rugir para que todos fugissem dele. No entanto, o macaquinho pensou alto e bem na hora estava passando um leão por baixo de sua árvore e este lhe disse que, apesar de os leões serem grandes e fortes, têm medo. O macaquinho ficou admirado com o que o leão falou e quase nem acreditou; até que o leão falou que o medo está dentro de nós mesmos e não importa se somos grandes ou pequenos, o medo é algo que carregamos e temos sempre que lutar contra ele. O macaquinho todo confuso indagou: “E como se luta contra essa doença?” (NEVES, 1993, n.p.) O conselho do leão foi para olhar seus medos e tentar ver que eles não lhe trazem tanto medo assim, que devagar o medo vai indo embora, e complementa “foi assim que eu me curei do meu medo”



(NEVES, 1993, n.p.). Assim, o leão seguiu seu caminho e o macaquinho ficou refletindo sobre o que ouviu.

Nesse mesmo dia, o macaquinho viu uma mãe brincando com seu filhote e ele achou os dois tão bonitinhos e ficou pensando como seria bom ter uma mãe, e que se tivesse ele não seria tão zangado e triste. Diante disso, até pensou na possibilidade de chamar uma macaca para ser sua mãe, mas o Mocho escutou e logo falou que todos têm o direito de ter uma mãe, mas que não se escolhe assim, como se fosse uma fruta em uma árvore. Assim, ele explicou que o macaquinho deveria conquistar o coração dos que o rodeiam, ajudando, brincando, rindo, partilhando alegria com todos, e mostrando seu valor iria conquistar o coração de todos, com isso, poderia conquistar várias mães, irmãos e amigos. O macaquinho ficou tão feliz que se tornou amigo do Mocho por ter lhe ensinado diversas coisas.

Agora, o macaquinho não era mais zangado, passou a ajudar, ficou mais alegre e logo conquistou a confiança e o coração de todos e, ainda, passou a ter várias mães, irmãos e amigos. Ele ficou tão feliz que amou a ideia de ter uma família tão grande, mas tão grande quanto o tamanho da floresta, e que todo esse amor cabia em seu coração.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *O Macaquinho zangado*. Maputo: UNICEF, 1993.

VAMOS CONTAR?, DE ANGELINA NEVES

Caroline Machado
Doutora em Educação - PPGE/UFSC
Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil - NDI/UFSC
2021

O livro *Vamos contar?* (2003), de Angelina Neves, é uma publicação dirigida para o ensino inicial. Já na capa, encontramos essa informação de que se trata de um livro didático e na folha de rosto e o leitor é informado que o livro está organizado em duas partes distintas: a primeira, apresenta o conto e, a segunda, contém fichas de apoio com ideias e sugestões para professores. Na ficha catalográfica, além das habituais informações (autoria, editor, tiragem), encontramos uma listagem dos livros consultados para escrever essa publicação e uma nota indicando que foi financiada pela Fundação Bernard Van Leer.

Mesmo se configurando como um livro didático, todas as 38 páginas, que incluem as informações da publicação, o conto e as propostas para os professores desenvolverem com as crianças, são ilustradas. As imagens remetem às cartilhas escolares e evocam nos leitores experientes memórias de seu itinerário escolar. São desenhadas com lápis de colorir, de forma bem artesanal.

O conto apresentado indica a necessidade do acompanhamento do movimento das mãos: enquanto a narrativa vai se desenrolando, o narrador ou o leitor vão avançando numa progressiva contação numérica. Fica evidente, sobretudo pelas indicações e sugestões que compõem a segunda parte, que o conto é apresentado quase que como um pretexto para o ensino dos numerais e da contagem numérica.

A história começa com um convite da protagonista para outros dois personagens: “eu sei uma história que se conta com



as mãos” (NEVES, 2003, p. 4), diz ela. E completa: “Olhem para os meus dedos e façam como eu!” (NEVES, 2003, p. 4). Na página seguinte, aparece um coelhinho e a imagem de uma mão com um dedo levantado. Esse coelhinho encontra, na próxima página, outro coelhinho e agora são dois animais e a mão assinala dois dedos levantados para indicar a quantidade. A cada página virada, outros coelhinhos vão aparecendo, uma a uma, e a quantidade de dedos vai aumentando até completar uma mão cheia, representando o número cinco.

Na sequência, outro personagem, Carlitos, informa que também conhece uma história que se conta com as mãos. Dessa vez, no entanto, a narrativa apresenta uma contagem regressiva: cinco irmãos estão dormindo numa cama e o menorzinho vai empurrando um a um para fora dela até ficar sozinho.

Na segunda parte, a autora exhibe os temas a desenvolver a partir da narrativa apresentada: noções de qualidade (contar, somar, diminuir), representação em números, contas e sinais (mais, menos, maior, menor), medidas, sequências e outros jogos, sempre almejando uma abordagem lúdica dos temas apresentados e destacando certa arteficialidade das imagens.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Vamos contar?* Maputo: Coopimagem, 2003.

EU E O PILOTO

Waleska Regina Becker Coelho De Franceschi
Doutoranda em Educação – PPGE/UFSC
Professora de Artes na Educação Fundamental SME/ PMF
2021

O livro *Eu e o Piloto*, de Angelina Neves, faz parte de uma coleção e foi publicado em 1993, em Maputo, numa tiragem de 10.000 exemplares, com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Esse livro de 15 páginas foi concebido como parte de um projeto educativo, que tinha por objetivo provocar o interesse pela leitura nas crianças, antes da fase de escolarização, possibilitando o acesso literário na formação de leitores em Moçambique.

Nessa narrativa, a autora apresenta a relação de uma criança e seu animal de estimação, destacando na escrita elementos do cotidiano e apresentando didaticamente informações e vocabulário de aprendizagem para o pretendido público leitor.

A escrita textual no livro *Eu e o Piloto* é destacada propositalmente em quadros, sendo que, em cada página, o texto pontua de forma sucinta os elementos caracterizadores da protagonista e de seu cachorro, chamado Piloto. A ilustração é elaborada por Angelina Neves e contém a presença de pequenos animais em cada cena, reforça a intencionalidade de movimento nas ações das personagens e o incentivo à imaginação e à criatividade, conforme está descrito na apresentação do livro.

Através de desenhos com traçados simples, porém, com muitos detalhes, as texturas e as cores vibrantes produzidas pela autora para ilustrar a narrativa, enfatizam os elementos da escrita, demonstrando numa sequência de imagens, detalhes compositivos que representam um cenário convidativo para uma leitura leve e prazerosa.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Eu e o Piloto*. Maputo: UNICEF, 1993.



MENINA OU MENINO? UMA REFLEXÃO E UMA INDICAÇÃO DE TRABALHO EDUCATIVO SOBRE O CORPO

Dilma Beatriz Rocha Juliano
Doutora em Teoria Literária – PPGL/UFSC
2021

Menina ou menino?, de Angelina Neves e ilustrações de Hermenegildo Ciríaco, é um livro didático recomendado para o “ensino inicial”, como já indicado na capa, foi publicado em 2003, na cidade de Maputo. A publicação foi financiada pela Fundação Bernard van Leer³, do qual já se pode inferir sua importância temática para o uso didático em Moçambique, ou mesmo em sua extensão aos países de língua portuguesa. O livro está dividido em duas partes, sendo a primeira um “Conto” e, a segunda, composta por “Fichas de apoio com ideias e sugestões” de trabalho em sala de aula.

No conto há três personagens: duas crianças negras⁴, uma menina e um menino, assim indicados no tipo de roupa (vestido, bermuda e camiseta, respectivamente) e nas cores (rosa e azul), e a terceira é uma tartaruga, a quem, pelas expressões corporais postas nas ilustrações, pode-se atribuir às perguntas e observações que impulsionam a narrativa e a interlocução com o leitor. Nas primeiras páginas, é possível perceber que o conto problematiza as atribuições de gênero

3 Fundação Bernard van Leer, sediada em Haia (Holanda), apoia o desenvolvimento de ações destinadas à primeira infância em diversos países do mundo, por exemplo: Moçambique, em África; Brasil, na América Latina; Itália, na Europa; e, Índia, na Ásia. Disponível em: <https://bernardvanleer.org/pt-br/bout-us/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

4 Salvo melhor juízo, é preciso salientar que as crianças desenham bonecos brancos nos cartazes em que mostram sua compreensão das diferenças entre meninas e meninos. Uma falha na versão que ora resenhamos?



que culturalmente pretendem servir de marcadoras das diferenças sexuais – o tipo de roupa, o comprimento do cabelo, a compleição física, comportamentos sociais etc. Mas não é somente isso (como se fosse pouco!).

As personagens não são nomeadas, o que pode corroborar com a universalidade do debate de gênero pretendida no conto. À medida que passamos as páginas, o diálogo entre as crianças vai tornando mais complexo os marcadores sociais de gênero, eles passam de elementos mais visíveis (corte de cabelo, por exemplo) aos mais simbólicos, às capacidades de liderança ou escolhas profissionais (cientistas ou ministros). Finalmente, parecem chegar a um acordo sobre o que identificaria uma menina ou um menino quando os desenhos que exibem nos cartazes atingem a biologia dos corpos.

Desse ponto da narrativa, o conto aproxima-se de um conjunto de informações sobre o corpo, seus usos e cuidados, mais próximo do que se convencionou chamar nas escolas de educação sexual.

Na segunda parte do livro, a autora e o ilustrador passam a sugerir temas de trabalho com o corpo, que vão desde as noções de espaço até o reconhecimento de partes específicas do corpo: as mãos, os olhos, entre outras. Essas sugestões vêm acompanhadas de exercícios que podem facilitar o trabalho das professoras e professores em seus planejamentos de trabalho.

Ainda, nas fichas de apoio, o livro traz a “utilidade” e os “cuidados com o corpo” que se conectam com a discussão de gênero, da primeira parte, mas os expandem para muitas outras possibilidades de debate em sala de aula, bem como facilitam a preparação de atividades grupais importantes, principalmente, considerando as fases iniciais de estruturação das noções corporais nas crianças menores.

O livro relativiza certas convenções socioculturais que, historicamente, buscam definir o gênero com base nas diferenças anatômicas dos corpos. É importante que assim o faça de maneira a acompanhar a cultura ainda vigente, mas já inserindo dúvidas sobre certas naturalizações que atam os

sujeitos a padrões pré-estabelecidos: usar saia é coisa de menina? Meninos são mais fortes fisicamente do que meninas? Desnaturalizar os gêneros é tarefa gradual e precisa vir acompanhada de muitos argumentos e respeito ao contexto social.

Ao se apresentar como material didático, coerentemente, o livro fornece uma série de sugestões que ampliam as noções sobre corpo que não se restringem aos órgãos sexuais, permitindo, com isso, que as noções de feminino e masculino encontrem seu lugar de identificação (e de desidentificação) espalhadas pelo corpo. Este aparece, assim, em suas inúmeras potencialidades de sentir e estar no mundo, tanto para meninas quanto para meninos – ainda que a dicotomia se mantenha como marcador de gêneros.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Menina ou Menino?* Arranjos gráficos de Hermenegildo Ciríaco. Maputo: Coopimagem, 2003.

IDEIAS PRECIOSAS

Edneide Maria Ferreira Santos
Mestranda em Estudos da Tradução - PPGT/UFSC
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento
Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA)
2021

Como as pessoas lidam com o lixo? Será que separam o lixo para ser reciclado? É o questionamento que se faz antes de apresentar o livro da escritora Angelina Neves, *Tesouros da Terra* (2004), que narra a história de três crianças que se deparam com o senhor Matavel jogando no lixo várias folhas de papéis que, para ele, já não tinham mais utilidade. Diante dessa cena, as duas garotas e o garoto chamam a atenção do amigo ao afirmarem que papel não é lixo, pois pode ser reutilizado. A partir daí, a narrativa ilustra várias propostas de produções criativas (bolas, chapéus, máscaras, entre outras) elaboradas com os papéis que foram descartados pelo senhor Matavel. O conto mostra brincadeiras e outras atividades lúdicas (pinturas, desenhos, recortes, entre outros) realizadas com os materiais reciclados ou confeccionados pelo grupo de amigos.

Assim sendo, os três personagens assumem o papel principal de agentes de conscientização sobre a importância da reciclagem e da preservação do meio ambiente para o bem-estar social, pois, assim como o senhor Matavel, muitas pessoas não têm conhecimento de quanto é válido e, ao mesmo tempo, sustentável para o planeta Terra fazer a seleção do lixo, para que se possa evitar a poluição e (re)aproveitar o que se pode. É o que se entende na primeira parte do livro.

Na segunda parte do livro, a autora propõe ideias e sugestões para a realização de um trabalho pedagógico em que os professores podem colocar em prática e explorar o tema em questão com outros elementos a serem reciclados, como latas, plásticos e garrafas.

Na última página do livro, em nota, a escritora alerta



sobre os perigos (principalmente de doenças) que o lixo não reciclado pode trazer para a população, impedindo que se viva uma vida saudável. Nesse ponto, a autora aconselha os professores ou educadores a apresentarem essa temática para os infantes, pois o cuidado ou a higiene com o lixo é uma questão de educação, por isso, deve ser ensinado desde cedo.

Pode-se dizer que os tesouros da terra que remetem ao título do livro são todos os tipos de objetos ou materiais (re)aproveitados encontrados na natureza e que, muitas vezes, são desperdiçados, conscientemente ou não, pelo homem, em vez de serem reutilizados. As ilustrações do livro são bem simples e dialogam com cada cena apresentada, além disso, trazem balões de pensamentos que expressam e representam a fala dos personagens.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Tesouros da terra*. Maputo: Coopimagem, 2004.

OS DOIS MALANDROS

Ivanir Maciel
Doutoranda em Educação – PPGE/UFSC
Professora na Faculdade Municipal de Palhoça (FMP)
2021

O livro *Os dois malandros*, que tem adaptação e ilustração de Angelina Neves, foi publicado em 2012, possui 11 páginas e faz parte da *Coleção: Integração da Cultura Local na Educação*. A narrativa foi recolhida dos grupos linguísticos de Cabo Delgado, em Moçambique, e com apoio de financiamento foram traduzidas do E-Makua, Ki-Muani ou Shi Macomde para Português, assim como para os grupos linguísticos. A coleção prima pela valorização da cultura local, bem como a sua inserção no sistema educativo. Além disso, apresenta paratextos com ficha técnica, agradecimentos e a lista dos demais livros da coleção com títulos que capturam o universo infantil. Já em sua capa, a ilustração e o título introduzem a narrativa, informando aos leitores o contexto dos dois personagens: um coelho e um macaco.

O coelho e o macaco eram muito amigos, porém, estavam sempre a provocar um ao outro com atitudes nada cordiais. A amizade do coelho e do macaco acontecia num processo de revanche pela simples diversão. Ou seja, havia certa malandragem no cotidiano dos dois amigos. No decorrer da leitura, percebe-se que os seus amigos se mostravam preocupados com tais atitudes, até que um dia, a girafa decidiu mediar aquela situação.

Esse livro pode levar a criança a refletir sobre a relação de empatia entre amigos e sobre a amizade enquanto necessidade ao respeito mútuo. Portanto, acenamos ao público leitor para que, ao interagir com a narrativa, confira o final dessa história.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Os dois malandros*. Moçambique: Fundação Aga Khan, 2012.



SOBRE A BELEZA DOS FRUTOS E O LIVRO QUE CONTA A HISTÓRIA DE UMA ÁRVORE

Maria Laura P. Spengler
Doutora em Educação - PPGE/UFSC
Professora UDESC
2021

Era uma vez uma árvore, de Angelina Neves e Clotilde Waddigton (2002, p. 2), é caracterizado como “livro didático do encino inicial” e divide-se em duas partes: na primeira, apresenta-se o conto que dá nome ao livro; a segunda parte traz “fichas de apoio”, de caráter pedagógico, além de apresentar uma seleção de sugestões de ações didáticas, divididas em cinco dias, possibilidades de perguntas e atividades de observação para desenvolver expressão oral, jogos e teatro para instigar expressão corporal, coordenação motora e expressão da escrita. O livro tem 36 páginas, nas quais o conto ocupa 19 páginas, divididas entre texto verbal e ilustração. Foram impressos cinco mil exemplares do livro. No ano de seu lançamento, o livro recebeu Menção Honrosa no concurso Prêmio PALOP na categoria de livro didático.

A ilustração da árvore é usada em quase todas as páginas do conto e, em cada uma delas, outros elementos são inseridos, como animais característicos daquele lugar: leões, macacos, elefantes e zebras perpassam as páginas ilustradas. A paisagem que cria o cenário para a árvore se assemelha a uma savana africana, de árvores altas e esparsas e vegetação rasteira. Em outros momentos, flores, borboletas e pequenos animais ocupam o espaço da ilustração. Ilustrações e texto verbal são emoldurados por um retângulo, e a imagem da árvore, em certo momento, ultrapassa o limite da moldura, avançando o espaço que estava destinado ao texto verbal, isso se dá quando ela anuncia aos animais que seus frutos estão maduros, convidando macacos e passarinhos a explorá-los.



A árvore, protagonista da narrativa apresentada ao leitor, é uma *ateira*, cuja fruta, nos é conhecida como fruta do conde. E é sobre ela a história contada, em que uma árvore com expressões humanas interage com animais, outras plantas e elementos da natureza, convidando os animais a experimentarem seus frutos quando estão maduros: “-Venham todos, as atas estão maduras e deliciosas” (NEVES, WADDINGTON, 2002, p. 9). São eles que a ajudam, espalhando suas sementes pelo chão, pois “A árvore não pode sair do lugar. Os passarinhos e macaquinhos podem ir longe” (NEVES, WADDINGTON, 2002, p. 11). Assim, as sementes semeadas por outros animais, iluminadas pela luz do sol e molhadas pela chuva, brotam e se fortalecem até ficarem grandes e trazerem novos frutos. De forma cíclica, a história reinicia a cada leitura.

REFERÊNCIA

NEVES, Angela; WADDINGTON, Clotilde. *Era uma vez uma árvore*. Maputo: Coopimagem, 2002.

O SEGREDO QUE PODE MUDAR O MUNDO

Rosângela Fernandes Eleutério
Doutoranda em Estudos da Tradução – PPGET/UFSC
Bolsista CAPES
2021

O segredo das vassouras, de Angelina Neves, tem um título provocativo e instigante. Qual será esse segredo escondido em um objeto tão simples e cotidiano? Tão comum que muitos passam por elas sem prestar nenhuma atenção? De repente, a autora revela que as vassouras “guardam um segredo” e esse é o gatilho que instiga o leitor a abrir o livro para desvendar esse mistério que é sugerido.

Desde a capa, a curiosidade leitora é estimulada quando se vê um menino cabisbaixo que carrega algumas vassouras nas costas, descalço, camiseta remendada, o que demonstra sua pobreza material, ao mesmo tempo em que, sem saber, está sendo o portador de “um tesouro”. Seus cabelos são lisos, coloridos de amarelo e cobertos por um chapéu. Ao fundo há o que parece ser um prédio residencial, uma fábrica que polui o ar com a fumaça que emana e uma pequena casa. Há também três tipos de chão: um de terra, onde está o prédio, o da fábrica e da casa (ao longe), que é de grama e asfalto, por onde o menino caminha.

A ilustração revela que aquele cenário não é próximo da realidade e do local onde o menino reside. É uma área conhecida, mas evitada por ele, que mantém a cabeça baixa enquanto caminha. Aquele é o lugar da industrialização, do comércio e tudo o que o sistema capitalista apresenta de excludente para aquele menino pobre, que tem camiseta remendada e o pé no chão.

A autora inicia o livro com uma pequena introdução, o qual teve o apoio da UNICEF. Nele, Neves justifica a importância do conto infantil na vida da criança e em como



ele pode introduzir na criança a linguagem que ela vai utilizar e desenvolver na fase da escolaridade obrigatória. Afirma, ainda, que o conto estimula a expressão do imaginário, o contato com o fantástico e o desenvolvimento da criatividade e é, até mesmo, um convite para a apreciação das pequenas belezas da vida. Além de despertar o interesse pela leitura e escrita, há o enriquecimento cultural humano e contribuições para que pessoas mais velhas do convívio da criança desenvolvam uma relação construtiva, afetiva e sólida com os pequenos.

Essa introdução aliada às ilustrações sugerem que a leitura é mais um recurso que pode ajudar uma sociedade a ascender à condição marginalizada em que se encontram.

Páginas inteiras são ilustradas com cores e tons marrom, cinza, amarelo, branco, dando o aspecto da terra, da pobreza de poucos recursos naturais como plantas e flores. O ambiente é árido e rural. Embora no texto se use o termo “bairro”, o aspecto dado pelas as ilustrações é que se trata de vilarejos com poucas árvores e casas construídas com barro e palhas.

A temática é sobre disciplina, cooperação e higiene. Um menino nota que o lugar onde vive é triste e hostil, mas um dia descobre um vilarejo onde todos os moradores são alegres e gentis. Como são bairros parecidos, o menino quer saber a razão da alegria de um e a tristeza do outro e passa a investigar esse mistério. O protagonista descobre que a alegria gira em torno da limpeza, preservação do meio ambiente e como o trabalho colaborativo contribui para o bem-estar psicológico das comunidades. Há a presença do ancião, que conta ao menino que o segredo está nas vassouras.

O menino rouba algumas vassouras e leva para seu bairro, mas nada muda. Ele volta para o ancião, que as vassouras não podem ficar paradas, elas exercem uma função e tem um propósito. O protagonista ensina seus vizinhos a usarem as vassouras e, aos poucos, seu bairro se torna limpo, leve e com pessoas felizes. Para garantir que nunca falte vassoura, o menino aprende a fazê-las e, assim, encontra um trabalho significativo, que faz a diferença e torna sua comunidade um

lugar melhor para se viver.

O segredo das vassouras trata da simplicidade, do trabalho e da relação das pessoas com o ambiente onde vivem. Não se pode ser feliz em um lugar ruim, mas cabe às pessoas descobrirem como fazer e agirem para melhorá-lo.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *O segredo das vassouras*. Ilustrações de Ana Angri. Maputo: Tipografia Minerva Central, 199?.

ERA UMA ATEIRA CHEIA DE ATAS: UMA HISTÓRIA DE HARMONIA NA NATUREZA

Dilma Beatriz Rocha Juliano
Doutora em Teoria Literária - PPGL/UFSC
2021

Era uma ateira cheia de atas é o título de um, dentre tantos, livros de Angelina Neves, publicado em 2002, na cidade de Maputo.

A fruta da ateira é conhecida também, em nosso vocabulário, como fruta-do-conde ou pinha. É originária das Antilhas e do México e foi introduzida no Brasil, a partir da Bahia, por volta do século XVII, por um conde, daí sua denominação mais comum por aqui.

A autora moçambicana oferece uma singela narrativa que, já em primeiro plano, mostra os ciclos universais da natureza e a harmonia entre os vários elementos que a compõem e, ainda, que a relação entre eles é de dependência para a existência de cada um. O coletivo só está saudável e desempenha suas “funções” na natureza quando cada um de seus viventes olha, ouve e respeita o outro. Vejamos!

A ateira, a árvore que produz atas, alimenta pássaros e macacos com seus frutos, mas avisa que eles só poderão comê-los quando maduros, do contrário ficarão doentes. Eles aguardam. Mas para que a árvore se reproduza e siga alimentando aves e animais ela precisa de ajuda; fixada com suas raízes, ela depende de que outros carreguem, enterrem, reguem e aqueçam suas sementes: as minhocas, o sol e as nuvens fazem seu trabalho.

Não se quer aqui apontar o livro de Angelina Neves como uma metáfora para entender o mundo, mas como uma experiência de leitura que permite imaginar um mundo outro, sem a centralidade do homem e suas histórias assimétricas de poder. Pode-se aproximar *Era uma ateira cheia de atas* ao que



Walter Benjamin (1984, p. 215) afirma ao tratar dos contos de fadas:

O feitiço libertador do conto de fadas não põe em cena a natureza como uma entidade mítica, mas indica a sua cumplicidade com o homem liberado. O adulto só percebe essa cumplicidade ocasionalmente, isto é, quando está feliz; para a criança, ela aparece pela primeira vez no conto de fadas e provoca nela uma sensação de felicidade.

Tanto nas palavras e quanto nas ilustrações os ciclos se completam, juntando o início e o final da narrativa, numa perfeita circularidade. Angelina Neves evidencia a permanência e a repetição da vida quando vivida em equilíbrio e afinidade.

Uma literatura própria de um pensamento pós-colonial, que propõe, como diria Achille Mbembe (2019, p. 208), “um encaixe de formas, signos e linguagens. Essas formas, signos e linguagens são a expressão do trabalho de um mundo que busca existir por si mesmo”.

Era uma ateira cheia de atas é a história de um mundo sem exploração, sem exercício de poderes, mas que pode funcionar melodicamente, na cadência de uma amizade. Uma vida para o com-um!

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

NEVES, Angelina. *Era uma ateira cheia de atas*. Maputo: Coopimagem, 2002.

CADA UM É COMO É

Tatiana Valentin Mina Bernardes
Doutoranda em Educação - PPGE/UFSC
Professora de Educação Infantil SME/PMF
2021

O livro *Cada um é como*, de Angelina Neves, foi publicado pela Coopimagem e impresso pela CEGRAF. Ele é composto por dois contos: “O Melro e a Coruja” e “A Salamandra”. Os textos foram compostos por professoras e professores que participaram de um trabalho desenvolvido pela Direção Provincial de Educação de Cabo Delgado e a Organização não governamental (ONG) Progresso, que realiza ações comunitárias com apoio na aliança de recursos humanos localmente disponíveis. Os professores foram incentivados a escreverem e recolherem contos para as crianças. A autoria do conto “Melro e a Coruja” é de Valentin Cleto, e “A Salamandra” é de Felisberto Nipepe.

A escritora adaptou os contos e construiu as ilustrações para a composição do livro. Esse trabalho com as professoras e os professores resultou na produção e publicação de seis livros.

A história do conto “Melro e a Coruja” gira em torno de uma discussão entre o Melro e a Coruja. Mas, em certo momento, a discussão transforma-se em uma disputa sobre quem tem as características físicas mais belas e maior destreza e desenvoltura. Em certa altura da discussão, a Coruja propõe um desafio ao Melro: quem conseguir ficar mais tempo sentado no tronco, sem desistir, será confirmado o mais forte e resistente. No entanto, o Melro, muito esperto, deu um jeito de ficar se mexendo para não ficar imóvel e a Coruja, que permaneceu estática, depois de três dias estava fraca e cansada, e admitiu a vitória do Melro. Para não deixar a Coruja triste, Melro contou como venceu o cansaço e, ao invés de ficar chateada, ela riu e o abraçou o Melro e eles viraram amigos.

O conto “A Salamandra” conta a história da festa de casamento do Elefante, rei da floresta. A festa era grande, com



muitos comes e bebes, canções e danças, era pura alegria. Para a comemoração, o Elefante convida muitos animais, entre eles, a Salamandra, que se junta a um grupo de animais pernaltas para apresentarem uma dança especial, mas muito perigosa. Com apitos, batusques e outros instrumentos, os animais dançavam em círculo. Em certo momento, a Salamandra, fascinada com os movimentos da dança, distrai, tropeça, cai e os animais, sem perceber, passam por cima dela e a pisoteiam. A salamandra, cheia de dor, começa a gritar, mas ninguém escuta seus apelos por socorro e, nessa confusão, a coitada leva um chute forte que, com a impulsão, joga-a para dentro da fogueira. A sorte da Salamandra é que alguém vê a tempo e a tira do fogo e a coloca no rio para curar as queimaduras. Na água, ela conversa com um peixe e conta todo o ocorrido, então, o peixe a convida para morar no rio, afirmando que ali não será pisoteada. Desse dia em diante, a Salamandra começa a viver no rio, onde podia dançar à vontade.

O livro termina com um convite da autora para que o leitor pense em sua dança predileta e expresse por meio de desenho, em espaço reservado, na página, essa dança. E ainda apresenta os nomes dos seis contos: “O concurso da princesa”; “As crianças, o céu e a terra”; “Samihana e outros contos”; “Cada um é como é”; “O coelho apaixonado”; e “Os caçadores”.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Cada um é como é*. Moçambique: Coopimagem, 1995.

A GOTA DE ÁGUA FALADORA

Elaine Lima

Mestranda em Estudos da Tradução - PPGET/UFSC

2021

A gota de água faladora, de Angelina Neves, publicado em Maputo no ano de 2001, trata-se de um livro que desperta o lúdico, bem como a imaginação e criatividade infantil. Afirma-se isso porque é narrado como se fosse uma carta: a história de uma gota de água falante que aparece quando Angelina está a encher uma panela de água para a realização de uma refeição (sopa de legumes).

Essa gota de água surge e, conseqüentemente, acaba por atrasar o almoço que Angelina está preparando para sua família, mas ela escolhe não contar com detalhes o que lhe aconteceu, por entender que todos acreditam que ela sonhou com tal situação e não dão a importância devida a esse acontecimento.

No entanto, Angelina explica que enquanto descascava os legumes para preparar uma sopa, uma gota de água surgiu e passou a lhe contar histórias. Ela lhe contou, então, que já conheceu inúmeros lugares e que não fica muito tempo parada em um só lugar, motivo pelo qual viaja de diferentes formas, ou seja, nas nuvens, no mar, no interior da terra, nos rios, em canos de água, em aviões, comboios, dentre outros.

A gota de água lhe conta, ainda, que suas aventuras são sempre muito divertidas e que em conversa com algumas flores e, ainda, observou a tristeza que tais flores ficam quando são pisadas ou arrancadas por maldade do ser humano.

Na seqüência, contou-lhe a história de um gato que não gostava de água e que conversava, inclusive, com botas e guarda-chuvas que ficam a secar nas varandas. Além disso, explica que, algumas vezes, o sol a faz evaporar e, em decorrência disso, ela viaja pelo céu e cai em novos lugares.

Como a conversa entre Angelina e a gota de água se estendeu bastante e Angelina se deu conta que o tempo tinha passado muito rapidamente, já era tarde e a sopa nem estava pronta. Daí, pegou a gota de água e perguntou onde ela gostaria de ser colocada. A gota lhe respondeu, quando indagada, que gostaria de permanecer na panela de sopa, porque nunca tinha feito parte de uma sopa e



gostava de aventuras novas.

Angelina explicou à gota de água que ela poderia ficar magoada. No entanto, a gota lhe disse que ou ela evaporaria, ou ficaria na sopa ou seria engolida e poderia conhecer o corpo humano por dentro. No entanto, se engolida, poderia sair de corpo humano pelo suor ou xixi.

Como Angelina estava demasiadamente atrasada e não podia mais perder tempo conversando com a gota de água, colocou-a na panela de sopa, disse adeus e deu seguimento às suas atividades culinárias. Na hora do almoço, todos os presentes estranharam porque Angelina acabou comendo dois pratos de sopa, mesmo não gostando de sopa. O que eles não sabiam é que ela queria engolir a gota de água falante e proporcionar-lhe novas aventuras para, quem sabe um dia, encontrar-lhe novamente ou saber através de alguém por onde a gota estava e o que tinha de novidades.

Verifica-se, diante disso, que *A gota de água faladora* é uma história que retrata uma narrativa simples, como se fosse uma carta ao leitor, instigando o imaginário, a criatividade e a necessidade de dar-se atenção às simples coisas da vida.

Destaca-se, ademais, que a história da gota de água faladora demonstra a importância da água para o planeta, uma vez que é a água responsável por auxiliar em muitas das tarefas que são realizadas no cotidiano, como, por exemplo, a preparação de refeições, lavagem de roupas, como forma de alimentar as flores, dentre outras.

Porém, o que se verifica, atualmente, é que o meio ambiente como um todo não vem merecendo a relevância devida da sociedade e do Poder Público, sendo que este meio ambiente compreende os elementos pertencentes à água, à terra e ao ar e indispensável pela sadia qualidade de vida de todos. Sendo assim, a obra de Angelina Neves demonstra a necessidade de se instigar o lúdico nas crianças e, inclusive, apresentar, desde cedo, a importância de se proteger e preservar o meio ambiente, que é, aliás, um direito fundamental de todas as pessoas.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *A gota de água faladora*. Maputo: Associação Progresso; CODE/CIDA, 2001.

🧑 CAPULANA E SUAS APRENDIZAGENS EM A CAPULANA DE D. FILOMENA: LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO INICIAL

Maria Aparecida Rita Moreira
Doutora em Literatura - PPGL/UFSC
Professora aposentada SED/SC
2021

A *capulana de D. Filomena* é uma produção de Angelina Neves e Natália Nuvunga, escrita para a infância e que se coloca como “Livro didático para o ensino inicial 1ª parte”. Na ficha técnica, consta que o livro é uma reedição, datada de 2013, da Associação Progresso, sendo a edição original da Coopimagem, em 2001.

Na formatação do livro, composto por 23 páginas, encontramos uma divisão demarcando espaço de imagem e espaço de escrita, como se pode observar na Imagem 1.

Imagem 1: A capulana sem cor.



Fonte: Neves (2013). Acervo do Literalise.

O livro segue esse esquema exemplificado na Imagem 1, isto é, imagem e texto, acontecendo a inversão apenas na capa, onde vemos texto e imagem.



Imagem 2: Capa do livro.



Fonte: Neves (2013). Acervo do Literalise.

Angelina Neves e Natália Nuvunga concentram-se no “ensino inicial” e criam uma história a partir de uma capulana branca. Sua apresentação é significativa, quando pensamos que:

Mais do que um simples retângulo de tecido estampado, a capulana é de facto um meio de comunicação, usado em determinadas circunstâncias para alcançar determinados objetivos. Normalmente de algodão, a capulana (também designada de kanga ou lesa, nas regiões mais setentrionais da África Oriental (Amory, 1985; Beck, 2000) é estampada e trabalhada ao redor de toda a borda do tecido, com desenhos multicoloridos. (MENESES, 2003, p. 114).

No livro de Neves e Nuvunga (2013), observamos que as autoras partem de uma capulana branca para introduzir ensinamentos sobre cores, direções, (esquerda/direita), tamanhos, formas, números e letras, que irão colorir a capulana de D. Filomena.

Mas, quem dá cor e vida à capulana? Para as autoras, “Os meninos e meninas ficaram com pena de D. Filomena. Queriam muito vê-la contente. Por isso, foram arranjar tintas para pintarem a capulana” (NEVES; NUVUNGA, 2003, p. 4).

Importa ressaltar que os meninos e as meninas não são personagens anônimos, cada um deles tem nome: “Primeiro foi o João”. Na sequência, foram Joana, Mariana, Abel, Luísa, Felícia, Dorita, Pedro, Marito, Beto, Berta, Joaquim, Marta, Luís, Miguel, Teresa. São essas crianças que levam para as demais crianças as cores, as formas, os números, entre outras aprendizagens, trazendo do mundo delas para o mundo da escrita, da escola.

Dessa forma, a “capulana branca” vai ganhando vida com os desenhos feitos pelas crianças, que iniciam com “uma bola amarela no meio da capulana”. Na sequência, “A Mariana molhou as duas mãos na tinta castanha e pôs as mãos pintadas na capulana. A mão esquerda do lado esquerdo e a mão direita do lado direito” (NEVES; NUVUNGA, 2003, p. 7).

As cores estão presentes em praticamente todas as páginas do livro, permitindo assinalar a importância do colorido na concepção de uma capulana.

De maneira espontânea e leve, Neves e Nuvunga (2003) conseguem aliar ao processo de didatização a presença da infância, marcando, já no título, que o texto tem como objetivo apresentar conteúdo pedagógico; não há camuflagem, há, sim, intencionalidade. Essa característica pedagógica de textos para crianças também se fez e se faz presente na produção escrita para crianças na história brasileira, não apenas com esse teor local, como também apoiada em textos que se distanciavam da natureza brasileira. Lajolo e Zilbermann (1987) citam, por exemplo, o livro “Através do Brasil”, escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, em 1910, inspirado em *Le tour de La France par deux garçons*, de G Bruno, que a ligação literatura X escola foi aproveitada, servindo para que fossem exploradas diferentes disciplinas:

O nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniências e assuntos, para que o professor possa dar todas as lições, sugerir todas as noções e desenvolver todos os exercícios escolares para boa instrução intelectual de seus

alunos. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p. 35).

A intenção dos autores e da obra era estimular o patriotismo, o amor ao país e a valorização da pátria. Essa ideia de patriotismo estará presente em vários textos brasileiros dessa época. Quando pensamos na “capulana” e em Moçambique, notamos que existe uma forte ligação, principalmente, entre as mulheres daquele país com esses panos:

Usadas por homens e mulheres, estas fazem, contudo, maior uso da capulana. Qualquer mulher tem sempre consigo uma capulana, quer vestida, quer na carteira ou no cesto. A importância e o respeito por esses tecidos estão presentes em vários episódios da vida social. (MENESES, 2003, p. 115).

A relação que encontramos no texto de Neves e Nuvunga (2003) é de identidade, uma vez que, se existem diferentes histórias em torno do surgimento desses panos, não há dúvidas sobre o papel que exercem na vida das moçambicanas:

A capulana tem-se mostrado esse bem comum na demarcação identitária dos moçambicanos (a), pois essa é uma indumentária fortemente presente na cultura de todo o país. Por isso, ao analisar os caminhos que o tecido faz nas casas, nas ruas, nas famílias, nos espaços públicos e privados do país, permitiu reconhecer este tecido enquanto um corpo presente no contexto social de Moçambique, que, mesmo sendo um país de grande diversidade étnica, tem, na capulana, um elo em comum capaz de atravessar muros e comunidades, fazendo parte de diferentes culturas. (ANGELO, 2020, p. 9).

No final da história, as crianças surpreendem D. Filomena, apresentando a capulana colorida.

Imagem 3: A capulana com cores.

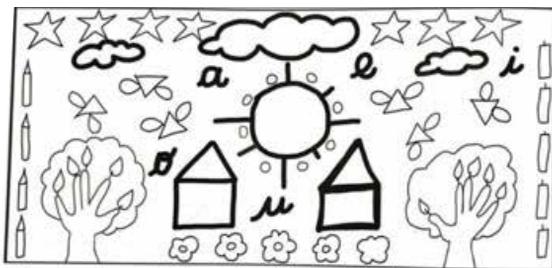


Fonte: Neves (2013). Acervo do Literalise.

A capulana de D. Filomena - Livro didático para o ensino inicial 1ª parte é um livro feito para a infância e que traz a presença da infância, que é construída, em cada uma de suas páginas, com a presença de meninos e meninas, que enchem de vida a capulana de D. Filomena. As escritoras utilizam-se de um objeto significativo para a comunidade moçambicana para introduzir o ensinamento de cores, formas, tamanhos, direções, números e letras, ao mesmo tempo em que demonstram a sensibilidade das crianças aos sentimentos de D. Filomena colorindo sua capulana.

Ao final do livro, encontramos uma página marcada por um único espaço e, em destaque, a capulana com os desenhos, sugerindo uma atividade para colorir.

Imagem 4: Desenho para pintar.



Fonte: Neves (2013). Acervo do Literalise.

Assim, unindo identidade e aprendizagens, o livro de Angelina Neves e Natália Nuvunga cumpre o que promete, isto é, oferece uma proposta pedagógica para a infância, tendo recebido o prêmio para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), em 2001, no domínio do livro didático.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Thamires Pessanha. *A Capulana: um corpo presente em Moçambique*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44., 2020, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: ANPOCS, 2020. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt31-18>. Acesso em: 11 abr. 2021.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Histórias e histórias da literatura infantil brasileira*. São Paulo: Ática, 1987.

MENESES, Ana Paula G. *As capulanas em Moçambique: decodificando mensagens, procurando sentidos nos tecidos*. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método, Métodos; Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 111-123.

NEVES, Angelina; NUVUNGA, Natália. *A capulana de D. Filomena: Livro didático para o ensino incial 1ª parte*. Moçambique: Associação Progresso. 2013.

VAMOS REPARTIR O LANCHE

Edneide Maria Ferreira Santos
Mestranda em Estudos da Tradução - PPGET/UFSC
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento
Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA)
2021

Vamos comer com os amigos, da escritora Angelina Neves (2013), é um livro de iniciação à leitura, como é indicado na própria capa. Apresenta duas histórias que tratam de relações amistosas, pois em ambas narrativas o sentimento da amizade é estimulado por meio de gestos e atitudes dos personagens na hora de se reunirem ou dividirem o que tem para comer.

A primeira narrativa, intitulada “A casa do sapo”, é uma pequena fábula que conta a história de um personagem que mora na beira do rio e que chega a se interrogar em ter uma bela moradia para receber o gala-gala, após este se convidar para ir comer na sua casa. Em busca de ter uma casa bonita, o sapo pede ajuda de um pássaro, mas ele só entende de construções feitas de ramos, procura, então, a formiga, que, sem sucesso, também não pode ajudá-lo. Assim, a estrutura do texto se repete até o sapo recorrer ao seu amigo macaco, o qual, finalmente, oferece-lhe uma lata para servir de abrigo. No final da história, o sapo é surpreendido por gala-gala que prefere comer ao redor da lama. A narrativa procura mostrar que não importa se temos ou não uma casa bonita para receber as pessoas queridas, o que vale é a boa intenção de cada um em compartilhar de forma generosa o pouco ou o muito que se tem.

A segunda história, “Os bolos da avó”, coloca o leitor em contato com o universo da matemática e propicia o uso das quatro operações, sobretudo, da adição, ao mostrar as habilidades do personagem diante da capacidade de desenvolver seu raciocínio lógico ao contabilizar cada bolo que comeu, incluindo os que ofereceu para o pato e para o cachorro. A narrativa explora e descreve a contagem dos bolos



e dos resultados através de expressões verbais e numéricas ou por meio de diferentes formas de representações. A leitura permite abordar noções de quantidade, estimativa, formas geométricas, entre outras.

As ilustrações são de Maria Jesus Otero e trazem para a capa do livro e para as páginas das duas histórias cenas que correspondem às sensações das ações que são transmitidas pelos personagens ou sugeridas pelo enredo, além de imagens evidenciadas no segundo conto que possibilitam despertar a capacidade de criar ou resolver situações que envolvem a linguagem da matemática.

REFERÊNCIA

NEVES, Angelina. *Vamos comer com os amigos*. Ilustrações de Maria Jesus Otero. Maputo: Associação Progresso, 2013.

AS/OS AUTORAS/ES



CAROLINE MACHADO

Doutora em Educação (PPGE/CED/UFSC). Pós-doutora em Literatura e Infância (CIEC/IE/UMinho). Professora no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (NDI/UFSC). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância, Literatura e Educação (NDI/UFSC/CNPq). Coordenadora do Projeto de Extensão Infância e Literatura: mediação de leitura literária e formação de leitores. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC) e do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e práticas de mediação literária (LITERALISE/UFSC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil (0 a 3 anos), atuando, principalmente, nos seguintes temas: educação, infância e projeto pedagógico; literatura, práticas de mediação literária e formação de leitores.



DILMA BEATRIZ ROCHA JULIANO

Mestra em Literatura Brasileira e doutora em Teoria Literária; pós-doutora no Centro de Estudos Comparatistas, da Universidade de Lisboa (2017). Tem experiência docente nas áreas de Cinema e de Letras, com ênfase em: crítica cultural, crítica literária, cinema e literatura, estudos culturais. Pesquisadora vinculada ao Grupo de pesquisa Práticas da letra: escrita, leitura, tradução e psicanálise e ao Núcleo de pesquisa Psicanálise, Educação e Cultura, com interesse de investigação em narrativas contemporâneas: literatura, séries e seriados audiovisuais. O aporte teórico está vinculado aos estudos das culturas pós-coloniais e decoloniais.





DJALMA ENES

Professor e pesquisador da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É Mestre em Letras - Língua Portuguesa pela Ufac (2015). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Varzeagrandense de Ciências Humanas (FVCH) (2002). Graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Ufac (2011) e Graduação em Pedagogia pela mesma instituição (2001). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação (GEPEd), da Ufac, e do Grupo de Pesquisa LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária, da UFSC. Pesquisador na área de Educação e Letras, com ênfase na formação de leitores. Tem experiência na área de educação superior, básica e educação profissional.



EDNEIDE MARIA FERREIRA SANTOS

Mestranda em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Graduação em Letras-Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialização em literatura Infanto-juvenil pela UEMA. Especialização em Filosofia Estética pela UFMA. Professora da Rede Municipal de Ensino do Maranhão. Pesquisadora do Literalise - Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (UFSC) e do Grupo Versa - Núcleo de Pesquisa em Tradução Literária (UFMA).



ELAINE LIMA

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em Tecnologia Educacional pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e em Pedagogia pela mesma instituição.

Especialista em Prática Psicopedagógicas Interdisciplinar e Gestão Escolar. Professora da Educação Básica, atuando na Educação Infantil no Município de Florianópolis. Membro do grupo de pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária, da UFSC.



ELIANE DEBUS

Doutora em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Atualmente, é professora da Universidade Federal de Santa Catarina,

atuando no Departamento de Metodologia de Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC. É líder do LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária/CNPq/UFSC.



ETELVINO MANUEL RAUL GUILA

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Ensino de Português pela Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. Docente da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo,

atuando na área de Didática e Estágio Supervisionado, Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e

Ensino de Língua Portuguesa (NEPALP), do Conselho editorial do Boletim Abiodum e do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE).



FERNANDA SOUZA

Pedagoga, graduada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente, é mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), da Universidade do Federal de Santa Catarina (UFSC), da linha de pesquisa Sujeito

Projetos Educativos e Docência (SUPED), orientanda da Dra. Professora Eliane Debus. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE/UFSC). Tem experiência na área de Educação com ênfase em Educação das Relações Étnicos Raciais e ministra oficinas sobre a “A estética afrodiaspórica: Cabelos e tranças” e faz intervenção com o projeto “Vista a Minha Pele”, de sua autoria, com a dinâmica “Sentindo na Pele”, adaptação da dinâmica “Olhos Azuis”, ambos visam combater o racismo existente na sociedade e promover a igualdade.



IVANIR MACIEL

Doutoranda em Educação e Mestre em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Pedagoga pela Fundação Regional de Blumenau. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE). Professora no Curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça.



LAILA MAHEIRIE BARRETO

Técnica em Saneamento pelo Instituto Federal de Santa Catarina e graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. É bolsista PIBIC/CNPq, pesquisando na área das temáticas de literaturas africanas e afro-brasileira para as infâncias. Membro do LITERALISE: Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literárias.



MARIA APARECIDA RITA MOREIRA

Mulher negra. Professora aposentada da Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Doutora em literatura (UFSC). Presidenta da Associação de Educadoras/es Negra/os de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária, da Universidade Federal de Santa Catarina, e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Pesquisadora de literatura negra, com interesse em literatura negra-brasileira e literaturas africanas de língua portuguesa e inglesa.



MARIA LAURA POZZOBON SPENGLER

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Pedagoga pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB), com experiência docente na Educação Infantil, ANOS INICIAIS e Ensino Superior. Especialista em Gestão Escolar e Interdisciplinaridade, pela Faculdade de Joinville e em Psicopatologia da Infância e Adolescência pela Sociesc. Vice-líder do Grupo de Pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária, da UFSC. Tem experiência em formação de

professores nas áreas de Alfabetização e Letramento, Pequena Infância e Educação Literária. Atualmente, é Professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



ROSANGELA FERNANDES ELEUTÉRIO

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET/UFSC). Mestra em Estudos da Tradução (PGET); Graduada em Letras - Língua e Literatura Espanhola (2015); Graduada em Letras - Língua e Literaturas de Línguas Vernáculas. Integrante dos grupos de pesquisa: LITERALISE - Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária, e GERMINA (Núcleo de ética e filosofia política). Atua na linha de pesquisa Estudos Literários da Tradução e Interpretação. Toda a formação acadêmica, como os projetos de pesquisa, foram concluídos e desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina. É bolsista CAPES.



ROSILENE KOSCIANSKI DA SILVEIRA

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Contestado (UnC), Campus Canoinhas. Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio científico avançado no âmbito de Doutorado em Estudos da Criança na Universidade do Minho, Braga, Portugal. Participa dos grupos de pesquisa Literalise: Grupo de pesquisa em literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária (UFSC) e do GIPPPGE: Grupo Internacional de Pesquisa em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (UPE). Atua, principalmente, nos seguintes temas: didática, ensino-aprendizagem, escrita, autoria, poesia e pesquisa com criança. É professora aposentada na Rede Pública Estadual de Santa Catarina.

Atuou no Ensino Superior na disciplina de Didática (nas Licenciaturas) e em outras disciplinas do Curso de Pedagogia (2018-2020) na UFSC.



TATIANA VALENTIN MINA BERNARDES

Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Graduação em Pedagogia pela mesma instituição. Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora efetiva de Educação Infantil desde 2002 pela Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Pesquisadora e membra do grupo LITERALISE, grupo de pesquisa da Literatura Infantil e Juvenil relacionada às práticas de mediação literária em Educação Básica e Superior, e do Alteritas: Diferença, Arte e Educação. Trabalhou como assessora pedagógica na Diretoria de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação da Rede de Florianópolis de 2013 a 2016. Assessora do Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da Educação Infantil (NUFPAEI) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, desenvolvendo formação continuada com os professores(as) referente à Literatura Infantil e Literatura de temática das culturas Africanas e Afro-brasileira e Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) de 2018 a 2020.



WALESKA REGINA BECKER COELHO DE FRANCESCHI

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, especialização em Alfabetização e mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Participa do LITERALISE - Grupo de Pesquisa sobre Literatura Infantil e

Juvenil e do Conselho Editorial da Potlach Editora. É professora de Artes efetiva na Rede Pública Municipal de Florianópolis, pesquisadora e atriz.



ZÂMBIA OSÓRIO DOS SANTOS

Mulher negra. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (2020-2024) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora de História com Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Pesquisadora filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN). Educadora associada à Associação de Educadores Negras, negras e negros de Santa Catarina. Membro do grupo LITERALISE e do Alteritas: Diferença, Arte e Educação. Pesquisadora de entrelaçamentos entre Educação e literatura com interesse em literatura afro-brasileira e literaturas para infância em Moçambique; na área de História, trabalha com temas ligados à Educação das Relações Étnico Raciais.



A presente publicação se articula com o projeto de pesquisa *De lá para cá: as literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil* no período de 2013 a 2018, no seu subprojeto *Angelina Neves e a produção para infância em diálogo* e com a trajetória de pesquisa do Literalise: Grupo de pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de mediação Literária. Apresentamos nesta publicação a resenha de 27 títulos realizada por 17 pesquisadores do Literalise. A importância de divulgar esta produção integra um movimento maior de publicar produções africanas, mais especificamente, de países de língua portuguesa, como Moçambique, com experiências que nos aproximam e também nos distanciam, de modo a construir repertórios de leitura de vivências diversas, com múltiplas possibilidades de existir como criança no espaço literário.

ISBN 978-65-993088-6-4



9 786599 308864